

As novas tecnologias de informação e comunicação (TICS) e o processo ensino-aprendizagem de história na educação básica: entre o conhecimento e a mediação pedagógica

1º Sgt Eng José Antônio Ribeiro de Araújo*

Introdução

Versar sobre a atualidade e os caminhos que a educação tem a trilhar no século XXI resulta, dentre outras coisas, discutir a presença do elemento tecnológico no espaço escolar. Isso implica dizer que, diante de uma realidade vivida e verificada na prática pedagógica, qualquer que seja a posição adotada sobre os rumos a serem seguidos, torna-se necessário a pedagogos e professores – com atenção especial aos de história – estabelecer uma relação entre o conhecimento escolar e os novos mecanismos de produção e difusão da informação e do conhecimento.

Deve-se ter em mente, portanto, que tudo isso se encontra inserido em um processo que não se dá de forma regular e, também, não tem um único sentido: ele é múltiplo e aberto, contraditório e complexo, permitindo um mundo de interpretações e de entendimentos.

Essa dinamicidade do mundo atual em relação ao como se encarar o uso das novas tecnologias, deve permear o ambiente escolar e, especialmente, a prática pedagógica do professor de história, ampliando, com isso, os espaços de troca de conhecimentos e de revisão quanto às metodologias do ensino da disciplina.

Põe-se aqui, então, a necessidade de se rever o modo como a disciplina de história é repassada aos alunos, uma vez que é impressionante a forma factual e conceitual como essa componente curricular ainda é trabalhada nas escolas – em especial as públicas – nos níveis fundamental e médio, priorizando a memorização de datas, “heróis” e fatos isolados, e não a problematização acerca do processo histórico.

Assim, essa não contextualização social do ensino de história vem ratificar aquilo que o educador Paulo Freire designou como uma “educação bancária”¹, ou seja, o aluno apenas como agente receptor de conhecimentos “depositados” pelo professor diante de situações que despertam pouco interesse e agravam a situação da disciplina na sala de aula.

Contrariamente a essa situação tradicional no ensino de história, dessa “educação bancária,” cuja visão pedagógica é retrógrada e que desperta o desinteresse do aluno quanto à disciplina, explicita-se que:

Para ser crítico, se envolver e participar das atividades na sociedade, assumir responsabili-

*1º Sgt Eng (EsSA/2005, EASA/2017). Licenciado em História (Universidade Salgado de Oliveira, 2014) e Ensino da Sociologia na Educação Básica (Faculdade Geremário Dantas, 2020); bacharel em Engenharia Civil (Centro Universitário Maurício de Nassau, 2017); pós-graduado em Avaliação e Perícias de Engenharia e Engenharia de Concreto Armado (Faculdade Unyleya, 2018); Mestrado em Engenharia da Energia (Politécnica de Pernambuco, 2021). Atualmente, é professor de Sociologia no Colégio Militar de Belo Horizonte.

dades e desenvolver novas habilidades, é necessário o aluno compreender o que faz e não ser um mero executor de tarefas que são propostas. Portanto, do ponto vista pedagógico, o que deve nortear a transformação da educação é a passagem do fazer para o compreender (...) – (Valente, 1999: 38).

Diante dessa emergência quanto a um novo ensino de história e a uma maior compreensão do conhecimento histórico escolar por parte dos alunos, é que os professores devem se “plugar”²² no uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) como forma de se repensar a prática.

Repensar o papel e a função da educação escolar e do ensino de história, seu foco, suas finalidades e seus valores é essencial em uma época em que os meios de comunicação de massa transmitem uma grande quantidade de informações, de um modo atraente e rápido. E, com isso, torna-se imprescindível um processo de reavaliação do quadro vigente nesse campo, saindo do caráter exclusivo e conservador, para um que seja capaz de inserir a inter-relação de áreas do conhecimento, de produzir novas maneiras de interpretar a realidade.

A educação supõe sempre mudança, a mente humana aberta para o mundo, recebendo as influências deste mundo, em diversos aspectos. Esse movimento da educação promove a relação dos elementos que aí estão: objetos, pessoas, ideias, teorias pedagógicas (Frigotto *apud* Machado, 2002: 17).

Nesse contexto, o desafio da educação é arquitetar novas práticas pedagógicas, em que situações atuais precisam de ideias atuais, criativas, inovadoras e que integrem o conjunto do saber humano de forma integrada e sistêmica. E, para a área de história, isso significa dizer que é necessário questionar as ideias e práticas pedagógicas tidas como conservadoras no intuito de melhorar o ensino nos níveis da educação básica.

Desenvolvimento

Refletindo um pouco sobre as questões apresentadas na discussão, seguindo a tendência da intensificação nos estudos educacionais – especialmente quanto às novas metodologias de ensino –, e considerando importante a compreensão dos professores para a construção de caminhos de superação no ensino de história, é que este artigo busca analisar as perspectivas pedagógicas referentes ao uso das TICs no ensino da disciplina nos níveis fundamental e médio.

Daí aparece a indagação que motivou a pesquisa: de que forma a utilização das TICs pode modificar a atual situação do ensino de história na educação básica, considerando-se as possíveis contribuições de seu uso na sala de aula e as implicações que podem trazer à prática pedagógica do professor?

Tomando-se parte desse conhecimento, há de se considerar que alguns estudos já foram realizados tendo como objeto a informática educativa, assim como novas linguagens alternativas no ensino de história. Ainda são raros, contudo, os trabalhos de inter-relação entre a consolidação das TICs e o ensino dessa disciplina.

Pode-se aqui dizer que os avanços nos estudos educacionais mostram que ainda não é possível prever, em longo prazo, as novas tendências entre história e informática, por exemplo. E a constatação da velocidade das transformações permite afirmar que se está no limiar de um mundo no qual o ofício de professor deverá se modificar, bem como a informatização da cultura deverá influir, profundamente, na maneira de se pensar e produzir história.

E para um melhor tratamento do tema proposto, entende-se que as TICs, aplicadas ao campo educacional, atuam como elemento a mais na construção de uma escola e de um processo de aquisição do saber histórico escolar capaz de desenvolver mecanismos que contribuam no processo de superação das suas limitações (Brasil, 1997b).

Visando atingir o objetivo central deste artigo de opinião, buscou-se em fontes como livros e revistas específicas à área de educação e ao ensino de história; trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses); e material eletrônico disponibilizado em *sites* ligados ao tema.

Mesmo utilizando esses recursos e da atualidade temática, ainda é difícil, entretanto, encontrar uma literatura que esteja especificamente relacionada ao uso da informática nas aulas de história, e que seja capaz de encarar o conhecimento histórico, como construção; o computador (e outros recursos como *ipod*, *iphone*, celular, *tablet*, *notebook*) como um recurso aliado a uma nova visão do saber histórico, e o professor e o aluno como sujeitos do seu próprio processo, possibilitando, assim, uma nova concepção de fazer história, tornando o ensino-aprendizagem mais interessante e criativo.

Estudos e pesquisas sobre os problemas atuais na educação apontam, porém, para a necessidade de se redimensionar as práticas diretivas e não dialógicas convencionais – ou seja, da então concepção tradicional de educação. E, diante disso, a escola precisa repensar suas funções de ensino-aprendizagem e seus valores, visto que o cenário que se vislumbra prioriza uma aprendizagem voltada para a capacidade de questionar e refletir as relações do universo social.

A história não é aprendida apenas no espaço escolar. As crianças e os adolescentes têm acesso a inúmeras informações, imagens e explicações no seu convívio social e familiar. É preciso, entretanto, diferenciar o saber que os alunos adquirem de modo informal daquele que aprendem na escola.

No espaço escolar, o conhecimento é reelaborado, constituindo o chamado “saber histórico escolar”, e proveniente do diálogo entre muitos interlocutores e diversas fontes. Significa dizer que, nesse processo de reelaboração do conhecimento histórico, agrega-se um conjunto de representações sociais – constituídas pela vivência dos sujeitos e dos conhecimentos adquiridos das várias fontes de informação veiculadas pela comunidade e pelos meios de comunicação

do mundo e da história, produzidos por professores e alunos.

No mundo globalizado, de vasta intensidade científica e tecnológica, gerador da sociedade da informação, os alunos precisam de uma formação geral sólida, capaz de ajudá-los no pensar e repensar, e estar preparados para uma leitura crítica das transformações que ocorrem em escala mundial.

Cabe à escola assumir o compromisso de “ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade” (Libâneo, 2001: 09-10). E cabe ao professor ser ativo nesse processo, provido de uma cultura geral mais ampliada, sendo capaz de “aprender a aprender” e tendo competência para agir na sala de aula, dominando os meios de informação e comunicação e sabendo articular tais meios nas aulas e no cotidiano.

A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se em lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilite a atribuição de significados. Assim, nessa escola, os alunos aprenderão a buscar a informação, irão analisá-la criticamente e dar-lhe-ão um significado pessoal.

Mesmo com essa *tecnologização* do ensino, é um equívoco descaracterizar o sentido da aprendizagem escolar em decorrência da presença das inovações tecnológicas. A ilusão de caráter tecno-informacional da aprendizagem tira, justamente, o valor da aprendizagem, que está, precisamente, em introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais que supõem a relação docente.

Por outro lado, é certo que as práticas docentes, nessa nova sociedade, recebem o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação, provocando uma reviravolta nos modos mais convencionais de educar e de ensinar história.

A informatização no ensino de história, por exemplo, especialmente utilizando-se o recurso da internet, pode funcionar como instrumento para efetivação de uma prática pedagógica acrítica, repetitiva, ou se constituir em veículo que contribua para a construção de uma concepção crítica da realidade. Nesse sentido, uma concepção crítica da história produz uma nova percepção e inserção social. Esta, por sua vez, condicionará o processo pelo qual o professor integrará os meios informáticos na sua prática docente. Considerando a importância da tecnologia computacional para a sociedade e, conseqüentemente, para a educação, então, torna-se necessário investigar qual o papel efetivo que a informática educativa pode exercer na prática pedagógica do professor de história.

Fundamentação teórica

Cada vez mais as capacidades para “criar, inovar, imaginar, questionar, encontrar soluções e tomar decisões com autonomia” (Brasil, 1997a: 140) assumem importância, em um momento em que o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação permite que a abrangência da aprendizagem ocorra em diferentes lugares e por diferentes meios. A escola, nesse sentido, tem um importante papel a desempenhar ao contribuir para a formação de indivíduos ativos e agentes criadores de novas formas culturais.

A presença do aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender, mas serve para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção e a contextualização de conhecimentos por meio de uma atuação significativa, ou seja, uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de professores e alunos.

Baseada numa aprendizagem que mobilize o aluno na busca de oportunidades de aprendizagem, em um processo de recriação e apropriação pessoal e ativa do conhecimento, a significância nesse processo é adquirida diante

da consideração do professor em saber as experiências prévias dos alunos em relação aos recursos tecnológicos que serão utilizados e pela organização das situações de aula em função do nível de competência dos discentes.

A partir disso, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que é fundamental a instituição escolar integrar a cultura tecnológica extraescolar de alunos e professores ao seu cotidiano, é necessário desenvolver nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos de sua cultura. Tanto é importante considerar e utilizar esses conhecimentos adquiridos fora da escola, nas situações escolares, como é fundamental dar condições para que eles se relacionem com essa diversidade de informações.

As novas tecnologias, a mediação pedagógica e o processo ensino-aprendizagem de história

Cada vez mais, o desenvolvimento do uso da linguagem na educação inclui o uso de diversos recursos tecnológicos para produzir processos comunicativos, utilizando-se diferentes códigos de significação, ou seja, novas maneiras de se expressar e de se relacionar. Assim, pensa-se que a escola não pode deixar de levar em consideração os impactos das novas tecnologias sobre a força do trabalho e, portanto, sobre a sociedade.

No entendimento de mudanças na área educacional, a questão da transposição didática das inovações tecnológicas é fundamental e imprescindível para uma nova discussão acerca do ensino de história, trazendo consequências imediatas e complexas tanto para a formação dos professores como para a prática na sala de aula.

Mudanças na educação e no processo ensino-aprendizagem são, portanto, esperadas, assim como o uso de tecnologias também. Essas alterações devem favorecer um novo modo de conceber o saber histórico, novas abordagens e novas metodologias.

As novas tecnologias, o professor e o ensino-aprendizagem de história

Por mais que se discutam a sociedade de informação, os novos paradigmas educacionais, as transformações no âmbito escolar e as mudanças nas metodologias e práticas pedagógicas, uma importante figura sempre estará presente no meio desse processo: o professor.

Como se pode, todavia, definir a figura do professor? Quem é o educador e qual o seu papel social?

Em primeiro lugar, é um humano e, como tal, é construtor de si mesmo e da história através da ação; é determinado pelas condições e circunstâncias que o envolvem. (...). Sofre as influências do meio em que vive e com elas se autoconstrói. (...). Em segundo lugar, além de ser condicionado e condicionador, ele tem um papel específico na relação pedagógica, que é a relação de docência (Luckesi, 1992: 115).

Uma prática pedagógica que possua esse nível de relação deve ser pautada na perspectiva construtivista, pela qual o indivíduo – no caso, o aluno – constrói seu conhecimento e sua afetividade na interação com sujeitos mais experientes – não apenas com o professor, mas também com outros alunos mais experientes e com a comunidade escolar.

Baseando-se nessas teorias, as novas tecnologias de informação e comunicação podem ser usadas para facilitar a interação do aluno com o meio e com outros sujeitos, possibilitando-lhe responder às interrogações construídas no seu cotidiano, bem como para tornar possível a participação responsável do educando na construção do seu conhecimento, tornando, dessa maneira, o aprendizado da história mais eficiente.

Nessa nova dimensão educacional trazida pelas tecnologias de informação e comunicação, assim como deve existir o desenvolvimento das aulas na perspectiva de mediação pedagógica no ensino-aprendizagem da história, cumpre

também ao professor ater-se a um processo de avaliação que fuja do modelo tradicional.

Essas mudanças podem ocorrer com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pois a multimídia, como forma de comunicação, e a rede mundial (internet), como veículo, têm a propriedade de democratizar as informações e de atingir comunidades maiores. Além disso, essas tecnologias vêm contribuindo decisivamente para a superação das distâncias geográficas no mundo, ao mesmo tempo em que aumentam, substancialmente, o interesse e a possibilidade de educar através da interação entre o emissor e o receptor, tornando o processo ativo e em permanente diálogo.

Conclusão

Diante de um novo quadro de grandes mudanças pela qual passa a atual sociedade, com a exigência da formação de cidadãos críticos, criativos, com capacidade de “aprender a aprender”, trabalhar em grupo, conhecer-se como indivíduo e como membro participante de uma sociedade, cabe à educação cumprir esse papel. Por essa razão, a educação não pode mais se restringir ao conjunto de instruções que o professor transmite a um aluno passivo, mas, sim, deve enfatizar a construção do conhecimento e o desenvolvimento de novas competências geridas pelo e para o aluno.

Mediante uma análise das leituras de experiências realizadas e expostas na literatura consultada, permite-se entender, contudo, que a promoção dessas mudanças pedagógicas não depende – como muitos pensam – simplesmente da instalação de computadores nas escolas. É necessário, sim, repensar a questão da dimensão espaço-temporal da escola. Nesse sentido, a sala de aula deixa de ser o lugar de bancas enfileiradas, dispostas em ordem a privilegiar o professor, o “dono” da verdade absoluta e inquestionável, para se tornar um local em que professor e alunos possam realizar um trabalho diversificado em relação ao conhecimento.

Para que sejam possíveis práticas pedagógicas inovadoras no ensino de história, é necessário, porém, que a escola se proponha a repensar e a transformar a então estrutura centralizada em uma estrutura flexível, dinâmica e articulada. E essa transformação deve vir de tal modo que não seja possível considerar o professor como mero executor de projetos de informatização pedagógica, responsável pela utilização dos computadores e consumidor de materiais e programas escolhidos pelos idealizadores dos projetos, mas, sim, ampliar essa visão e encará-lo como parceiro na concepção de todo o trabalho.

Não basta apenas repensar a aprendizagem, a educação e o uso de TICs em sala de aula. É necessário também saber os propósitos, o que realmente se pretende com a informática na educação, com o computador como recurso pedagógico na construção do conhecimento

histórico escolar. Isso porque, muitas vezes, na ausência de objetivos claros, o que pode acabar acontecendo é um trabalho com *software* pelo *software*, ou com informações históricas desconexas de um trabalho mais aprofundado; ou seja, acaba se tornando um tradicionalismo pedagógico acrescido do elemento tecnológico.

Logo, aprender um determinado conteúdo histórico deve ser o produto de um processo de construção do conhecimento realizado pelo aluno, e por intermédio do desenvolvimento de projetos formulados pelo professor e pela escola; ou seja, usar as TICs como uma fonte de informação significativa. E, para que isso se consolide, faz-se necessária uma formação docente direcionada para a mediação tecnológica, de tal modo que o professor de história seja, também, produto de um processo de construção (e transformação) do conhecimento pela via tecnológica.

Referências

BARBOSA, Irleide Dias de Souza. **Informática educativa no ensino de história: perspectivas e procedimentos metodológicos**. Recife, 2000. Monografia de Especialização (Informática na Educação), Universidade Federal de Pernambuco.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução** (5ª a 8ª série). Brasília: MEC/SEF, 1997a.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MACHADO, Marta Maria Moreira. **A informática no ensino da biologia do meio ambiente**. Florianópolis: 2002. Dissertação de Mestrado (Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina.

VALENTE, José Armando (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP / NIED, 1999.

Notas

¹ Conceito referente aos sistemas tradicionais de ensino, no estabelecimento do poder autoritário do professor frente aos alunos. Ver Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

² O termo “plugar” refere-se às relações pedagógicas entre o professor e o uso didático das novas tecnologias e é aqui utilizado no intuito de aproximar o leitor à necessidade de se inserir na sociedade da informação, em que novas denominações são estabelecidas e os significados são ampliados.